



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico Talkaba — Lisboa • Telefone 5339
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

O ensino universitário popular e a organização operária

há muita gente que está convencida de que o operariado, pelo menos a parte mais consciente do operariado, não quer saber das questões educativas, não liga importância à arte, à literatura, nem à ciência. Puro engano, se há alguém que se mantenha indiferente a todas estas coisas, são exatamente aqueles que dizem que o operário é ignorante, que o operário é estúpido e ordinário...

Que a maioria do operariado é ignorante, é inelitizável uma grande verdade. Que tem pouca educação, pouca instrução, são outras lamentáveis verdades. Mas que os governantes, os pedagogos, os literatos e os artistas — salvo raríssimas excepções — nada tem feito para que o operariado, que forma a parte maior do povo, aprenda, se eduque e instrua também é uma incontestável verdade.

A república que tem lindas coisas prometeu tem feito menos pela educação do povo do que a própria monarquia. Lindas promessas que se transformaram em terríveis desilusões...

E, afinal, não temos que nos admirar desse divórcio da maioria dos intelectuais; não nos deve causar assombro o sistemático esquecimento que os homens da república mostram pelo que respeita ao desenvolvimento mental do povo.

Os primeiros, afastados do operariado, das massas trabalhadoras, ignoram tanto as suas aspirações, os seus sofrimentos, as condições do seu trabalho, como estes últimos ignoram as subtilezas da arte, as descobertas da ciência e os requintes literários. Fechados a sete chaves na sua torre de marfim, que é geralmente uma muralha da China de convenções, os segundos, os intelectuais, não ascultam o que vai no peito dum homem do povo, não podem admitir que a multidão temha sonhos de beleza e de perfeição.

Quanto aos políticos, aos homens da república, aos governos é perfeitamente lógico que não se incomodem com a educação do povo. E se tivesse um cérebro esclarecido e desempeñado não estaria em perigo a autoridade de que todos os salvadores da nação se rodeiam? Não estaria em perigo todo aquele que se arroga o direito de governar, de dispor dos outros, como quem dispõe de carneiros? Os políticos não tem vantagem na educação popular, por isso não tratam de fomentá-la.

Vamos lá a saber agora porque motivo o operariado é ignorante. Tudo tem uma causa. A ignorância do operariado tem igualmente uma causa.

A infância é a melhor idade para aprender. A inteligência da criança, ainda não absorvida por maus hábitos, por tendências imorais, pode levar-se mais facilmente a um desenvolvimento que satisfaça. E' precisamente a idade em que a criança começa a ter curiosidade pela vida, vontade de saber, de investigar os portugueses de tudo, que a oficina, por necessidades do lar pobre, o agarra, lhe destrói todas essas qualidades excelentes e o embrutece. Anos consecutivos de trabalho excessivo exgotam-lhe as faculdades mentais e formam assim o operário da nossa época — um farrapo que o vento impetuoso da miséria agita.

Depois vem toda a gente sábia, veem os políticos, os que nunca tiveram a infelicidade de caír nas garras destruidoras do trabalho exorbitante, dizer que o operário é estúpido, que o operário não tem vontade de aprender.

E afinal não será a sociedade capitalista, que amarra o pobre à escravidão dum trabalho manual exagerado, quase desde o berço até à tumba, a culpada de tudo isto?

Eis porque nós somos revolucionários, porque pretendemos transformar a sociedade, criar um novo regime de trabalho que não extinga as faculdades de cada um, e onde todos tenham a possibilidade de se dedicar ao estudo, sem que o tempo empregado nesse impossibilite economicamente o indivíduo de viver.

Portém para se fazer essa transformação é necessário que a mentalidade do povo suba até um determinado nível. Não queremos dizer com isto que cada operário seja um sábio, mas que atinja um grau de ilustração, de educação que lhe permita com recender quais são os seus deveres e direitos, que lhe dê umas certas noções de moral só e regeneradora.

Um homem que não sabe ler pode adquirir, por meio da conferência e da palestra, um grau de educação regular, uns certos conceitos de moral elevante. Esse trabalho está apenas iniciado, esboçado em Portugal. E falecerá, de certo, se não receber o apoio do operariado consciente, se a massa trabalhadora organizada não lhe emprestar o seu vigor.

O ensino universitário popular tem por missão pôr o povo em contacto com as maravilhas da ciência, da arte, da filosofia e da literatura. Os problemas mais transcendentes tornam-se, por meio do programa universitário popular, acessíveis a todos os cérebros, a todas as inteligências. E' pôr o povo ao facto dos últimos passos do progresso, dos últimos conceitos de moral.

A Universidade Popular Portuguesa tem tentado pôr em prática uma pequena parte desse vastíssimo programa. O ensino que ministra está fora de fôrmas, políticas, não se subordina às conveniências dum classe ou dum grupo. A base do seu trabalho de divulgação científica, artística, filosófica e literária é o ideal pedagógico puro e sereno.

O operariado para libertar-se economicamente usa o sindicalismo revolucionário, fora de todas as correntes políticas, tendo por objectivo a felicidade humana. O ensino neutro, livre c. m. o que a Universidade Popular pretende exercer, é o que mais nos convém se quisermos emancipar-nos intelectualmente.

A Universidade Popular, como o seu nome e programa indicam, só pode exercer a sua ação benéfica no povo. A Universidade tem o programa mas não tem o povo para exercer a sua ação e a Universidade sem o povo é uma coisa morta.

Compete, pois aos organismos operários coadjuvar a sua ação, indo em auxílio daquela instituição. Falta-lhe o povo? Pois bem: o operariado acorre às suas conferências, às suas aulas.

Os organismos operários farão mais, por intermédio da União dos Sindicatos Operários: conferenciarão com a U. P. P.; combinarão ambos os organismos a melhor forma da Universidade poder exercer dentro dos sindicatos a sua benéfica ação. Não pretende a U. S. O. que a Universidade vá fazer sindicato, porque isso seria fugir ao seu objectivo e desmarcar um programa absolutamente útil. Queremos apenas que a Universidade Popular leve a ciência, a arte, às nossas associações, eleve a mentalidade do povo, sem tocar, sem se imiscuir nos nossos processos de luta económica, exactamente como nós não tocamos, não nos imiscuimos nos seus processos de ensino, que reputamos de bons.

Greve geral em Portalegre

U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúne na próxima terça-feira, pelas 21 horas prefixas, para tratar de muitos e importantes problemas e dar passos aos camaradas nomeados na última reunião do Conselho, pelo que também devem comparecer à hora acima indicada.

O protesto da Ucrânia contra a expulsão de Constantino-pla da delegação do seu país

MOSCOWIA, 30 de Julho. — O presidente do conselho dos comissários do povo da Ucrânia, Rakovski, dirigiu ao governo inglês um protesto contra a expulsão de Constantino-pla da delegação comercial do seu país, pedindo a punição dos culpados e a restituição dos fundos confiscados. Rakovski fez notar o papel odioso que representou nesta questão o comandante naval inglês, à ordem do qual foram presos e deportados os membros da delegação. — (Rosta Wien).

A Rússia e a România

CLOUJ, 31. Julho. — Tchitchine, o líder do partido social-democrata estrangeiro da România a propósito da prevenida agressão dos soldados russos às postas de fronteira romena. Os governos da Rússia e da Ucrânia na sua resposta ao governo romeno chamaram a atenção para as ataques constantes cometidos pelas tropas romenas contra as forças estacionadas na fronteira. — (Rosta Wien).

9 falta de trabalho na Tchecoslováquia

TEPLITZ-SCHONAU, 30 de Julho. — Refiniram-se em conferências os operários sem trabalho, decidindo constituir conselhos que se porão em contacto com os sindicatos, a fim de organizar um plano de ação em comum. A conferência dirigiu um apelo ao proletariado de todo o país. — (Rosta Wien).

Crise no partido social-democrata romeno

CLOUJ, 31. Julho. — Tchitchine, o líder do partido social-democrata estrangeiro da România a propósito da prevenida agressão dos soldados russos às postas de fronteira romena. Os governos da Rússia e da Ucrânia na sua resposta ao governo romeno chamaram a atenção para as ataques constantes cometidos pelas tropas romenas contra as forças estacionadas na fronteira. — (Rosta Wien).

PREÇO 5 CENTAVOS

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A questão do livrete

O sr. governador civil falta, como qualquer seu subordinado menos culto, à sua palavra

Tinha prometido o sr. governador civil, que também é aviador, ou seja o sr. Lelo Portela, consentir que em lugar do livrete vexatório que pretendia impor aos empregados domésticos fosse adoptado um simples bilhete de identidade.

Voltou ontem, pelas 16 horas, a comissão delegada dos Criados de Mesa, Empregados de Hotéis e Restaurantes e Empregados Domésticos de Hotéis e Casas Particulares ao governo civil, para saber uma resposta definitiva sobre o assunto. Esperaram os delegados um momento, e no entretanto ouviram este edificante diálogo:

— Está ali fora a comissão dos serviços.

— Quem os mandou entrar? Mandem-nos embora!

Apesar disto, foi mandada entrar, no gabinete do sr. governador-aviador, a referida comissão, composta de três pessoas, uma delas mulher, a delegada das Empregadas Domésticas, Violeta de Magalhães.

O sr. governador, a primeira coisa que fez foi perguntar aos dois homens que faziam parte da comissão onde trabalhavam. Satisfiziu a sua curiosidade, disse que deviam retirar-se para nada terem com o assunto (!).

Interrompeu-o Violeta de Magalhães, perguntando-lhe que decidia sobre o caso do livrete, ao que o sr. governador-aviador respondeu, com ar enfático e aborrecido, que não desistia do regulamento.

— Toma V. Ex.ª a responsabilidade? — Tomo, responde o governador-aviador.

— E a comissão saiu imediatamente, deixando o chefe do distrito entregue à sua megalomania de pretender amaciar, com um documento vexatório, uma numerosa e laboriosa classe, sem lembrar que será ele quem ficará por certo amachucado... pelo ridículo.

Vê-se, pelo exposto, que o sr. governador civil entende que deve governar o distrito, como quem governa um aeroporto, isto é, no... ar. E resulta disto que onde diz digo diz que não dize.

Pede-nos a comissão que desminta o que sobre a entrevista com o governador civil publicou a Capital de ontem. O que se passou é apenas o que acima fica descrito.

Pede-nos a comissão que desminta o que sobre a entrevista com o governador civil publicou a Capital de ontem. O que se passou é apenas o que acima fica descrito.

A BATALHA não se publica às 2.ª feiras

CRÓNICAS DE HAMON

A Conferência de Washington e a Paz Mundial

Em Maio, escrevi no *Peuple*: «O Presidente Harding vai ver-se forçado a realizar os princípios gerais da política de Wilson». E citava o desarmamento universal como uma das primeiras coisas que os Estados Unidos pretendiam realizar. Já se efectuou o primeiro passo para estas realizações.

O Presidente Harding convoca a maior parte das grandes potências europeias e asiáticas a uma conferência para o desarmamento. E conforme a lógica das coisas, pretende que esta conferência se ocupe simultaneamente da questão do Pacífico. Mas a questão do Pacífico é a questão do Extremo Oriente, a questão das relações da China com o Japão e com as potências da Europa e da América.

O assunto é importante. Trata-se, em última análise, da exploração de toda a Ásia oriental, central e meridional, pelo capitalismo europeu ou japonês, tanto do que diz respeito à exportação das riquezas asiáticas — matérias primas de toda a espécie — como da importação dos produtos orientais fabricados.

Ora, para esta exploração da Ásia oriental e meridional, é necessária a livre posse dos caminhos marítimos e terrestres. Encontramo-nos de novo em frente dum fenômeno sociológico que, sob variadas formas, sempre se apresentou identicamente durante os séculos passados. E sempre foi resolvido, ou pela hegemonia dum império sobre os outros, ou por acordo entre algumas potências com exclusão de outras. Desta vez será difícil e até impossível, se porventura o acordo se fizer, englobar a totalidade das potências terrestres pequenas ou grandes. Com efeito, os interesses são idênticos entre todas as potências, porque todas elas estão sensivelmente no mesmo pé de civilização: isto é, de produção e de consumo.

O problema é aliás muito complexo, porque a solução das questões do Pacífico-Extremo Oriente não se pode alcançar sem resolver ao mesmo tempo a questão do próximo Oriente, isto é, a questão da Ásia Menor. E com efeito na Ásia Menor, na Mesopotâmia, que passam e terminam os caminhos semi-terrestres e semi-marítimos que nos levam do Ocidente à India e ao Iran, etc. Tudo se liga com uma tal solidariedade que a secção das questões em compartimentos estanques, resolvível cada uma delas independentemente das outras, é um erro grosseiro que só pode conduzir a um fracasso geral. As diversas questões são tam intimamente solidárias, ainda que fossem servidos por uma hábil política. O problema permanecerá intacto. E a sua solução adiada poderá ser obtida por uma nova e formidável guerra.

O Japão, a América, a China e a Rússia Bolchevique chocar-seão em embates maiores ainda que os da guerra mundial das nações, enquanto que a velha Europa será a presa dum intensa guerra social, onde os *louck-outs*, as greves, o *de-ficit* financeiro, as crises comerciais e industriais de momento são os simples prodromos. E todos estes males, estas perdas de materiais humanos e outros podiam-se evitar se os dirigentes tivessem juízo, em lugar de serem loucos e parvos, e se compreendessem que deviam desarmar por completo, todos, honestamente, fossem quais fossem as consequências, porque para eles seriam bem menores que as que lhes devem acarretar os seus compromissos fora de uso, arrastando-os para um caos total que só pode ser servido por uma hábil política. O problema permanecerá intacto. E a sua solução adiada poderá ser obtida por uma nova e formidável guerra.

Era preciso que a sua solução fosse obtida por um acordo entre os países que se sentarem em volta do pano verde serão de facto adversários irreconciliáveis dum solução baseada em tais princípios. Não se procuraram compromissos, quarts de medida, e esforçaram-se por porem de acordo, como calhar, interesses capitalistas antagonistas, sem terem em conta as necessidades dos povos e seu verem que a força das circunstâncias é mais poderosa que todos os seus pequenos e mesquinhos interesses, ainda que fossem servidos por uma hábil política. O problema permanecerá intacto. E a sua solução adiada poderá ser obtida por uma nova e formidável guerra.

Paris, Julho.

A diplomacia americana tem uma semi-consciência por entender que a questão do Pacífico se deve resolver ao mesmo tempo que a do desarmamento.

Mas há de ver que é necessário resolver também a questão do próximo Oriente, e verá então que esta questão se liga, muito de perto, com as questões da Alta Silésia, da Polónia, das relações Franco-Alemãs, etc. E verá que, pela força das circunstâncias, todas as questões que a Conferência da Paz devia ter resolvido, virão novamente à tona da discussão, porque as soluções imaginadas por Lloyd George e por Clemenceau, impostas a Wilson, eram injustas, anti-democráticas, anti-signalitárias e anti-solidárias.

Do que precede há de resultar que, ao abrir-se em novembro a Conferência de Washington, todos os pseudos tratados de paz terão que ser refundidos, e todas as questões pendentes deverão ser resolvidas tanto como base os princípios de liberdade, igualdade e solidariedade, ou então a conferência fracassará miseravelmente.

Infelizmente o fracasso é provável, porque os maiores poderosos que se sentarem em volta do pano verde serão de facto adversários irreconciliáveis dum solução baseada em tais princípios. Não se poderá satisfazer o primeiro pedido que lhe era feito por uma comissão das classes operárias, prometendo contudo solucionar em breve tam importante caso.

A Comissão pró-presos protesta contra a informação da *Imprensa da Manhã*, na qual diz que Giovanni Michaeli era címplice no assassinato de Dato, quando a mesma comissão tem informações seguras de que aquele operário se encontrava em Marselha no dia em que foi morto o presidente do conselho do governo espanhol. — (Rosta Wien)

Giovanni Michaeli

Encontra-se ainda preso nos caboucos do governo civil

Reinhiu ontem a Comissão central pró-presos por questões sociais, que apreciou as *démarches* que uma delegação da mesma efectuou junto do director da Polícia de Segurança do Estado, afim de tratar da situação do operário italiano Giovanni Michaeli, que foi expulso do Brasil pelas autoridades daquele país e que se encontra há 17 dias no imundo calabouço n.º 8 do governo civil.

Aquela delegação fez sentir ao director da polícia as afitivas condições do preso, mostrando a mesma entidade o desejo de em breve esclarecer a sua situação para assim ver se o pode pôr em liberdade o mais rápido possível.

Há a registar o facto de a delegação da Comissão pró-presos ter sido recebida com a maior delicadeza e consideração pelo director da Polícia de Segurança do Estado, o qual lamentou não poder satisfazer o primeiro pedido que lhe era feito por uma comissão das classes operárias, prometendo contudo solucionar em breve tam importante caso.

A Comissão pró-presos protesta contra a informação da *Imprensa da Manhã*, na qual diz que Giovanni Michaeli era címplice no assassinato de Dato, quando a mesma comissão tem informações seguras de que aquele operário se encontrava em Marselha no dia em que foi morto o presidente do conselho do governo espanhol. — (Rosta Wien)

que não podeis fazer, repito-o novamente, é caluniar.

Depois da breve auto-defesa de Matelasta confiaram a depor os membros da polícia.

O comandante dos carabinheiros Arizinho Tito da Roma, depoendo sobre o somiço de Nardi, começou por dizer que Matelasta tinha falado com violência, e terminou por afirmar que o conterrâneo afinal... falava com calma.

Matelasta fez notar que a sua propaganda para que os socialistas e republicanos se unissem era uma propaganda da paz na Itália, que hoje, como então, ve os seus filhos maltratarem-se mutuamente.

As restantes testemunhas fizeram as acusações usuais, obrigando algumas delas a protestar.

Tribunal dos assabarradores

Mais um absolvido como os outros

No Tribunal dos Assabarradores, no Governo Civil, realizou-se ontem o julgamento de José Joaquim Mendes, estabelecido com mercearia na rua do Vale de Santo António, que era acusado de ter exposto para venda ao público chouriço impróprio para consumo.

Escusado seria dizer que foi absolvido.

HUNGRIA

600 pessoas desaparecidas em 4 semanas

BUDAPESTE, 28. Julho. — O órgão cristão *Virradat* comunica que nas últimas 4 semanas "desapareceram" 600 pessoas de Budapeste. Um jornal da polícia atribui estes acontecimentos singulares à "impaciência nervosa" dos homens. — (Rosta Wien).

No Exremo-Oriente

VIENNA, 31. Julho. — Dizem de Vladivostok que o general Semionov declarou aos membros da missão japonesa, que se prepara uma nova guerra contra os comunistas. A população de Vladivostok encontra-se bastante agitada. — (Rosta Wien).

Tribunal Militar do C. E. P.

Dois julgamentos

Sob a presidência do tenente-coronel Eugénio Carlos Marcelli, reuniu ontem o tribunal de guerra do C. E. P., para julgar o soldado Gabriel Vieira, n.º 195, da 6.ª comp. do regimento de inf. n.º 2, casado, de 29 anos, natural de Mira, Coimbra, acusado dos crimes de homicídio voluntário, deserção, furto e extravio de artigos.

Verificada a não comparência das testemunhas de acusação, foram interrogados os de defesa.

Seguiram-se os debates que decorreram muito animados, havendo réplica e tréplica.

A sentença condena o réu em 2 anos de encarceramento no Depósito Disciplinar, sendo-lhe descontado o tempo de prisão já sofrida, que é de 27 meses.

No mesmo tribunal foi lida a sentença que amnistia o soldado Manuel Gomes, n.º 230, da 3.ª comp. de inf. 34, que se encontrava preso no Depósito de Deportados na Trafaria, acusado do crime de insubordinação.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

A nota da C. G. T.

DEFENDENDO OS APRENDIZES

No cumprimento de uma missão que se impõe

Hontem, às 10 e meia horas, quando a grande arteria da cidade que se denuncia o Alentejo se encontrava cheia do sol abrigo e asfixiante, que nestes últimos tempos tanto tem aflijido a população lisboeta, o delegado do Sindicato Único Metalúrgico deparou, ali pelas alturas da Rocca do Conde de Obidos, com dois aprendizes menores, que suando por todos os pôlos, se esforçavam em conduzir uma carrocinha de mão, carregada com uma porção de verguias e barrinhas de ferro de diversas dimensões, com o peso aproximado, incluindo a carroça, de quarenta quilos.

Interrogados os pequenos aprendizes sobre quem eram os desumanos patrões que lhes tinham ordenado semelhante fáte, responderam que, estando em aprendizagem na oficina *A Metalúrgica Naval*, na Rua Fradessa da Silveira, onde teme sociedade os antigos operários que pertenceram por muito tempo ao Arsenal de Marinha, Agostinho de Carvalho, torneiro, e Lopes, ferreiro, os transformavam em burrinhos de carga sem atenderem à sua débil compleição física e ao dever que se impõe a todo o indivíduo consciente e humano de não consentir que aos pequenos sejam impostas atribuições que, além de lhes não competem, os prejudicam e arruinem.

O delegado do Sindicato, tendo ficado surpresto por saber que tal falta de consideração e humanidade parte de uma firma industrial da qual é sócio.

Compositores Tipográficos. — Reuniu ontem a assembleia geral da classe, pelas 17 horas, para se pronunciar sobre os negócios da classe.

Resolvendo-se em caso de grande êxito para a classe e que ocorre dentro da oficina de um dos dois colossos que se publicam nessa cidade e que interessa não só ao quadro daquela jornal como à classe.

Em breve. — Apesar do conflito das classes de classe, a classe operária deve resolver sobre o auxílio material e moral a prestar áquelas colegas que se acham em luta.

Assistiu à esta assembleia os delegados dos Sindicatos Operários.

Reuniu em assembleia geral, na próxima terça-feira, 9.

Conselho Administrativo. — Necessitando este Sindicato terminar o inquérito sobre o caso que provocou no dia 1 a Batalha dos bairros.

Bairros Sociais. — Um leitor telefonou e tentou obter informações sobre o caso todo o pessoal que trabalha na referida fábrica, convidando-se todos os operários que trabalharam nessa fábrica e que foram despedidos pela razão de se recusarem a satisfazer as exigências do referido leitor.

Continuaram a despedir-se os operários que se acham em luta.

Comissão de Melhoramentos. — Para tratar dos negócios da classe, de imediato, reuniu ontem a classe, pelas 14 horas, todos os delegados dessa comissão.

Operários Chapeleiros. — Realizou-se ontem a segunda convocação, a assembleia geral deste sindicato. Em vista dos assuntos a tratar, pede-se a comparecência de todos os componentes, pelas 21 horas.

S. U. Mobilário. — Comissão de melhoramentos. — Reuniu ontem a classe, tendo tomado conhecimento dum caso passado na fábrica Cristóvão Areal, tendo sido oficiado ao pessoal convidando-o a comparecer amanhã às 21 horas, devendo por este facto comparecer também todos os membros desta comissão, bem como da comissão es-

Teatro de S. Carlos

Companhia Rey Coiço-Robles Monteiro Hoje e amanhã, às 21,30 Últimas representações da peça portuguesa

SEDUTORES

Original de Vasco de Mendonça Alves Encenação do professor António Pinheiro

Amanhã, 21.º espetáculo, por A Companhia ter que seguir para a província a cumprir vários contratos inadiáveis.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

As 22,40 de ontem ardeu uma casa

baracada, onde estava instalado um forno da fábrica de tijolo pertencente a José António Seixas, C. & Ferreira, situada na Quinta do Servo, à esquerda da Luz.

A origem do incêndio foi o excesso de calor do forno que comunicou ao madeiramento.

A propriedade pertence a Amélia de Jesus e estava segura na Companhia Mundial.

Houve falta de água, tendo-se montado a auto-bomba da 3.ª secção dos bombeiros a um poço ali existente.

Indéndio

